

DOI 10.20396/rap.v15i2.8664821

Há uma emoção em ver a superfície marítima, mas também há uma comoção em descobrir aquilo que está nas profundezas do mar. Desbravar, mergulhar, ir longe das areias, se encantar com a grandeza da natureza e a história. De certa forma, a história da humanidade e os vestígios se encontram muitas vezes com o mar.

Longe do mar, em meio à pandemia, temos a sensação de sermos restos abandonados, os próprios naufragos buscando construir nossas vidas, perspectivas, histórias e memórias. Tentando, de certa forma, fugir das ilhas que parecem nos isolar. Somos um coletivo passando por essa tempestade.

Na arqueologia dos sentimentos, nossas águas internas se movem com a inconstância política. Sem timoneiro, flutuamos à deriva, mas à espera de um horizonte calmo e límpido. Enquanto isso, esse número da *Revista Arqueologia Pública* convida para mergulhos na prática de pesquisa dos vestígios humanos e as paisagens da arqueologia marítima e subaquática que nos faz conhecer mais da relação dos indivíduos com as nossas águas.

Iniciamos à beira-mar com “O fazer arqueológico no bairro da praia, Salvador/Bahia”, contribuição de Luciana de Castro Nunes Novaes. Já embarcados e em alto mar, o artigo de Luciana Bozzo Alves, “Africanos em diáspora e as embarcações envolvidas no tráfico de escravizados: o caso da escuna Clotilda” traz interpretações que colocam a comunidade afrodescendente como protagonista dessa história. Em pleno naufrágio, o artigo “Corações de vidro: os possíveis contextos de uso das garrafas do Galeão Santíssimo Sacramento”, de Leandro Vieira da Silva, trata sobre as garrafas de base quadrada e de cor verde são denominadas de Case Bottle. Já na costa do Uruguai, o artigo de Elena Valvée e Maira Malán, “Arqueología del Arroyo Sauce: investigación aplicada en clave de desarrollo territorial”, mostra como uma coleção pode contribuir para o desenvolvimento sustentável de uma comunidade e de seu turismo patrimonial.

Se os mares ganharam papel predominante na história cultural, antes deles os banhos termais eram os principais lugares de cura e sociabilidade. Nesse quesito, os vestígios arquitetônicos e arqueológicos emergem particularidades dessa prática e para isso o artigo “The Setifian Roman Basins from the problem of identification to the Recovery

Project”, de autoria Nouredine Mahdadi, nos permite conhecer mais sobre os banhos romanos na Argélia.

E para finalizar, podemos dar um mergulho no ensaio “Mulheres ao mar: faces da arqueologia de ambientes aquáticos no Brasil”, no qual Cristiane Eugênia Amarante faz uma reflexão sobre apagamentos ou silenciamentos da produção feminina na área da arqueologia subaquática.

Apesar de estarmos longe do mar, desejamos que essas boas brisas acompanhem os leitores e que os mergulhos e passeios pelos textos que compõem esse número permitam juntar conchinhas e formar belos mosaicos, como os do artista francês Pascal-Désir Maisonneuve.

Abraços,

Prof.^a Dra. Joana Schossler (IFSP-Capivari/Pós-Doc IFCH/UNICAMP)

Prof.^a Dra. Aline Carvalho (IFCH/UNICAMP)

Editoras e Organizadoras do Dossiê